

**NA SALA DO TEATRO:
RITO E PERFORMANCE NO JULGAMENTO DE ZÉ BEBELO**

Sylvia Schiavo
Professora Doutora da UFF
schiavosylvia@ig.com.br

Num dos seus ensaios sobre a crise da palavra, George Steiner, referindo-se à obra de Lawrence Durrell, diz: “ele se apóia na antiga tradição da plenitude da prosa. Está empenhado em tornar a língua de novo proporcional às múltiplas verdades do mundo vivido”. (STEINER, 1988, p. 53). A despeito de algumas ressalvas, acrescenta de forma definitiva: “Mas o que ele tenta fazer é de real interesse: nada menos do que um esforço para manter oral a literatura.” (STEINER, 1988, p. 53).

Nessa matéria, João Guimarães Rosa é exemplar: operando com maestria no largo âmbito de possibilidades criadas pela linguagem escrita, inventando em solo pátrio, busca ligar-se ao “mundo sonoro, hábitat natural da linguagem”. (ONG, 1998, p. 16). No *Grande Sertão: Veredas* ouvem-se alto as *espantosas palavras* tiradas de dentro da alma do ex-jagunço Riobaldo: sinceras, candentes, emocionadas, como só um discurso ancorado na oralidade pode comunicar (SCHIAVO, 2002).

Há no livro uma curiosa divisão do trabalho lingüístico proposta pelo narrador. Riobaldo insiste na própria ignorância perante o hóspede citadino a quem conta a história da sua vida: *inveja minha pura é de uns conforme o senhor, com toda leitura e suma doutoração*. No entremeio do relato, ele vai ordenando: *o senhor ponha enredo. (...) o senhor escreva no caderno: sete páginas... (...) consoante o senhor escrito apontará (...) o senhor assim escreva: vinte páginas...* Em suma: Riobaldo fala, o doutor escreve, Riobaldo conta, o doutor põe enredo.

Falsa inépcia, falsa dicotomia: Riobaldo detém o total controle da narrativa. É sabido que o doutor, cuja voz nunca se ouve, não tem a menor chance de contestar; a vertiginosa verve do narrador não o permite. Numa síntese perfeita, ele qualifica seu próprio discurso: *Nessa minha conversa nossa de relato*. Belo artifício de um virtuose: João Guimarães Rosa, preservando a riqueza da oralidade na autonomia do narrador, registra por escrito o valor original das palavras, devolvendo-lhes, em profusão, os significados perdidos no desgaste provocado pela banalização da linguagem. O trabalho exaustivo do autor atesta o fato inquestionável de que só uma literatura comprometida com a integridade da língua pode expressar sentimento, de aprofundar-se nas questões inerentes à condição humana e merecer a qualificação de arte. O sertanejo Riobaldo pode descansar em sua *cadeira boa e grandalhona de espreguiçar*; o doutor cumpriu a tarefa. Sua vida pregressa de jagunço, revivida na excepcional narrativa, está para sempre registrada na superfície plana do papel, firmada pela pena incomum de Guimarães Rosa.

O uivo de Diadorim pela morte de Joca Ramiro; as pancadas do coração de Riobaldo; estalinhos de estrelas; ruídos de montaria; trovão; tiro: *a bala, bala, bala*; e *música de lá, lá, lá....* continuam ressoando onde quer que haja um exemplar de *Grande: Sertão Veredas*. A requintada escrita garante a voz do bardo rústico, e evoca aquele *mundo misturado*, traduzido na palavra alquímica de nenhum sinônimo, do qual e de onde ele fala – sertão. Como num mantra, a palavra é repetida vezes sem conta. Ninguém dela se adonou de forma tão visceral. Na “inépcia fingidíssima”¹ diante do letrado visitante, Riobaldo sustenta a alteridade: coloca-se de dentro do sertão, potenciando em muito o duo interior-litoral. Na fala polifônica que ultrapassa a do ser sertanejo é, contudo este que se afirma, impondo à racionalidade urbana, representada pelo doutor-ouvinte, a razão sertaneja.

O sertão é a condição *sine qua non* da criação de João Guimarães Rosa – seu meio de produção. É a condição para dar livre curso à “experiência do oral”² pela boca da personagem Riobaldo, quando, conforme disse Adolfo Hansen, “pela primeira vez em nossa literatura o sertão irrompe como discurso sábio”. (HANSEN, 2000, p. 33).

São Francisco – Rio-Sertão

A zona conflagrada do São Francisco, para onde convergem os principais embates de jagunços, palco da saga guerreira do *Grande Sertão*, é um mundo de oralidade primária. De ficção e de fato. Os Gerais,

¹ A expressão é de Adolfo Hansen.

² Idem.

que *correm em volta*, também o são. Nesse mundo, no qual a escrita não penetrou, as palavras pertencem exclusivamente à sonoridade. Pertencem ao tempo real dos acontecimentos. Mais do que isso, como disse Walter Ong, “as palavras são eventos”. Evocam fatos, idéias, pessoas, referidos à realidade vivida, experimentada. Não existem fora desse contexto. Num mundo assim, regido pelo som efêmero, as palavras são dotadas de um valor desmesurável. O momento em que cada palavra é proferida é único. Há que se cuidar para que não pereçam. Guardam-se em provérbios, adágios, sentenças e... perigosamente, em vaticínios. Não é de admirar, portanto, a gastura de Riobaldo pelo destino do seu relato, em que pese a prodigiosa retentiva.

As personagens de *Grande Sertão: Veredas* movem-se nesse meio noético, bastante familiar aos antropólogos, que imprime à palavra um caráter sagrado. A economia verbal de personagens singelos como o Joe Bexiguento: *Meu pai me deu minha sina, vivo, jagunceio*, contrastando com o tom cerimonial de outras falas, só faz reforçar a sacralização do verbo que não se desperdiça no lugar comum. É um contexto em que as palavras têm a força da ação, de lei e de oração; sobretudo são dotadas de poder mágico. Ciente de tal poder, Riobaldo se aflige no momento exato da entrada do inexpugnável Liso do Suçuarão – o território interdito. Ouçâmo-lo:

E o que era para ser. O que é para ser – são as palavras! Ah, porque. Por que? Juro que: pontual nos instantes de o raso se pisar, um sujeito dos companheiros, um João Bugre, me disse, ou disse a outro, do meu lado:

“...O *Hermógenes tem pauta... Ele se quis com o Capiroto...*”

Eu ouvi aquilo demais. O pacto! Se diz – o senhor sabe. Bobéia. (GUIMARÃES ROSA, 1985, p. 45)

Riobaldo apanhou a frase com todos os sentidos aguçados: ouviu *demais*. Pode-se imaginar o sobressalto diante da infeliz “coincidência”: as patas dos cavalos no limiar do arrevesado chão, e a voz do João Bugre ressoada qual clarim desafinando – palavra e voz na plenitude da liberdade; ainda não foram alienadas da corporeidade humana.

Nas culturas orais, a expansão do eco é infinita, o som se espraia sem limites espaciais ou temporais. Seu lugar de trânsito é o cosmos. No *Grande Sertão: Veredas*, no “universo autônomo” plasmado por Rosa, a partir do “poderoso lastro de realidade tenazmente observada, que é a sua plataforma”, como disse Antonio Candido, o homem está integrado ao cosmos. Não é gratuita a imprecisão histórica que marca a fala de Riobaldo. Senão, como iriam se articular, sem prejuízo da totalidade alçada em ficção, os diversos discursos que grassam à solta no *mundo misturado* do sertão, amálgama do território da lenda e da lenda do território? Lá estão, paisagens portentosas, euclidianamente descritas, transmutadas em cenários metafísicos; subversões acintosas da geografia, que, todavia,

parece familiar; um constante desafio à mentalidade cartesiana para o alargamento da sensibilidade e percepção humanas; lá comparecem elementos de ciência antiga e o pensamento rústico afirma uma “ciência do concreto”.

No sertão Uno e múltiplo de Guimarães Rosa, Joca Ramiro, quem é? Chefe jagunço da primeira República ou herói de romance de cavalaria? Vai mais longe: *E se levantou, num repente. Ah, quando ele levantava, puxava as coisas consigo, parecia – as pessoas, o chão, as árvores desconstruídas*. Essa imagem de Joca Ramiro, sacudindo a natureza como se a ela estivesse irmanado por uma força primordial, tocando o mito, ultrapassa até mesmo o tempo já antigo da cavalaria. O selo do romance e da lenda está colado nas breves e magníficas aparições do grande chefe. Da descrição do cavaleiro e sua montada, do cerimonial que o cerca, o que permanece é o incorpóreo: o som musical da voz: *E, quando ele saía, o que ficava mais, na gente, como agrado em lembrança, era a voz. Uma voz sem pingo de dúvida, nem tristeza. Uma voz que continuava*. Na despedida, Riobaldo, a quem escapa a dimensão do tempo (*Mas eu não percebi o vivo do tempo que passava*), registra outro som: *Montado no cavalo branco, Joca Ramiro deu uma despedida. (...) A alta poeira, que demorava... Aquilo parecia uma música tocando*. Intercessões de temporalidades, interceptações de universos: o mítico imemorial intervém na história, o épico invade o romance moderno. Só mesmo um chefe com tais atributos para assentir na extravagância que foi o julgamento de Zé Bebelo no sertão, do mesmo modo que só um desses poderia sugerir-la.

Desta feita, foram necessárias muitas páginas ao doutor-ouvinte para registrar o inusitado evento. E logística muita, direção de arte e pulso firme para controlar o enorme elenco. Das estrelas de primeira grandeza, só Medeiro Vaz não estava, andava pelos *Gerais, no lado de lá do Rio*. Joca Ramiro, sua aura, seu cavalo branco, ator, diretor, maestro, comandante, juiz.

Artes em esturdice nunca vista

E o que foi? José Rebelo Adro Antunes, o estúrdio Zé Bebelo, é um que na fazenda Nhanva, repleta de capangas, comandava com seu apito um organizadíssimo centro de operações militares, no intuito de acabar com a jagunçada, braço armado dos políticos locais. Queria ser deputado. Apitando e gesticulando, matraqueava em nome da *pátria e nacional, ordem e progresso* e dizia uma peculiar expressão: *maximé*. Não fazia muito tempo, Riobaldo tinha abandonado a Nhanva na qual exercera o posto de secretário de Zé Bebelo, após ter sido seu professor de letras e conhecimentos gerais. Apesar do enjôo que lhe causava a tagarelice incontinente do chefe, a ele se afeiçoara. Agora Zé Bebelo entrava em combate com os bandos subordinados ao grande Joca Ramiro, e dava fogo justamente àquele em que se encontrava Riobaldo, recentemente investido em jagunço por causa de Diadorim. Para salvá-lo da

morte eminente, Riobaldo inventa uma artimanha e grita: *Joca Ramiro quer esse homem vivo*. Cumprida a falsa ordem, arrepende-se, temendo pelas ruindades que seus companheiros poderiam praticar contra Zé Bebelo. Mas a novidade não demora: o preso, raposa, defrontara-se com Joca Ramiro: *Ou me matam logo, aqui, ou então eu exijo julgamento correto legal!*... Joca Ramiro concorda. Da estranheza do fato que causava rebuliço geral, o Hermógenes, um dos principais cabecilhas, e que é a exata combinação do mal com o mau, comenta: – *É e é. Vamos ver, vamos ver, o que não sendo dos usos...*”. Dos uso não era, e por isso todo o processo se faz acompanhar de grande tensão e expectativa.

Uma gesta sertaneja na sala do teatro

Mais de uma vez no *Grande Sertão* Guimarães Rosa usa a metáfora do teatro, a vida como no teatro: *Vida devia de ser como na sala do teatro, cada um inteiro fazendo com forte gosto seu papel, desempenho*. É o que Riobaldo pensa. E num ápice lírico entre Diadorim e ele há ressonâncias da longínqua cena do balcão: *Que é que é um nome?* No episódio do julgamento, a teatralização assume a dimensão grandiosa da ópera. É uma encenação espetacular, ancorada num torneio fraseológico que faz vibrar o mundo épico. É, ainda, ponto alto de afirmação do rito no *Grande Sertão: Veredas*. De caráter totalizador, o episódio concentra no mesmo cenário as principais personagens da saga guerreira. O autor suspende a ação bélica para dar tempo e lugar a outro tipo de ação na qual imperam a formalização no tom cerimonial da linguagem e nas posturas dos participantes. Gestos, palavras e sinais emblemáticos formam o conjunto expressivo mobilizado para garantir a variação do ritmo e da tensão, conferindo à performance estatura de drama como no teatro e no rito. Em meio à multiplicidade de vozes que se afinam para o fiel cumprimento do roteiro, ouvem-se cantares do medievo europeu na escansão sertaneja. A honra como valor, perpassando todas as camadas sociais nos sertões brasileiros, aparece no *Grande Sertão: Veredas*, ornada com a nobreza inerente aos heróis dos romances de cavalaria. O ambiente é o mesmo encontrado no romanceiro do sertão que, heroicizando a figura do jagunço e suas façanhas, transforma-o em “avatar sertanejo da cavalaria”, conforme a precisa e bela expressão de Antonio Candido. Até mesmo Zé Bebelo, posando de herói civilizador do sertão, ao ver seu *julgamento correto legal* tragado por princípios alheios àquela sua *ordem... e progresso* do monocórdio vezo, acaba por conformar-se aos ditames do cerimonial e “arenga feito um guerreiro medieval” como bem observou Cavalcanti Proença para quem “Todo o episódio do julgamento é um recorte de romance de cavalaria transposto para os Gerais.” (CAVALCANTI PROENÇA, 1973, p. 170). Do princípio norteador do meio em que se encontram as personagens, nos fala esse autor: “O sentimento de honra – o orgulho da luta sem outro galardão além da glória – inflama os jagunços do Grande Sertão.” (CAVALCANTI PROENÇA, 1973, p. 170).

Já no prólogo, no diálogo que se segue ao consentimento do julgamento, Joca Ramiro dá o tom que irá reger tudo o que ainda está por vir. Estavam no acampamento do É-já. Riobaldo relembra: *Joca Ramiro chegando, real, em seu alto cavalo branco, e defrontando Zé Bebelo a pé, rasgado e sujo, sem chapéu nenhum, com as mãos amarradas atrás, e seguro por dois homens.* Com altivez o preso inicia:

- “Dê respeito, chefe. O senhor está diante de mim, o grande cavaleiro, mas sou seu igual. Dê respeito!”
- “O senhor se acalme. O senhor está preso...” – Joca Ramiro respondeu, sem levantar a voz.
- “Preso? Ah, preso... Estou, pois sei que estou. Mas, então, o que o senhor vê não é o que o senhor vê, com-padre: é o que o senhor vai ver...”
- “Vejo um homem valente. Preso...” – aí o que disse Joca Ramiro, disse com consideração. (GUIMARÃES ROSA, 1985, p. 238)

À arrogância de Zé Bebelo, Joca Ramiro respondeu do alto da sua fidalguia, comandando com um vagar absurdo aquilo que era maravilha de se ver e de ouvir. Suspende o tempo de lutas dos jagunços e os conduz a um lugar especialmente escolhido, de luminoso nome, para a cerimônia – a fazenda Sempre-Verde. Era a dignidade personificada. No trajeto do É-Já para a fazenda, em pomposo cortejo, segue no seu cavalo branco, enquanto Zé-Bebelo, sob a guarda dos homens de Titão Passos, é levado de mãos amarradas num cavalo preto, cores de muita distinção para os corcéis, guardando plasticamente a diferença de posições. Riobaldo, intrigado, pergunta:

Mas, por que causa iam dar com aquele homem tamanha passeata? Carecia algum? Diadorim não me respondeu. Mas, pelo que não disse e disse, tirei por tino. Assim que Joca Ramiro fazia questã de navegar três léguas a longe com acompanhamento de todos os jagunços e capatazes e chefes, e o prisioneiro levado em riba dum cavalo preto, e todas as tropas, com munição, coisas tomadas, e mantimentos de comida, rumo do Norte – tudo por glória. O julgamento, também. Estava certo? Saímos, de trabuz. No naquele, a gente podia ver resenho de toda geração de montadas. (GUIMARÃES ROSA, 1985, p. 239/10)

A corte de Joca Ramiro chega à Sempre-Verde, do doutor Mirabô de Melo, e de acordo com um rígido código³, com ordens de não se abrir *a casa enorme* de um aliado ausente. O espaço que serve

³ A esse propósito, Antonio Candido comenta: “Os jagunços deste livro se regem por um código bastante estrito, um verdadeiro *bushidô*, que regula a admissão e saída, os casos de punição, os limites da violência, as relações com a população, a hierarquia, a seleção do chefe. E da jagunçagem remontam à lenda.” (Antonio Candido, 1994).

de cenário ao rito é também enorme, uma espécie de ágora sertaneja. Riobaldo explica: *Esbarramos no eirado, liso, grande, de tanto tamanho*. Sem tábua, a jagunçama avançou em roda fechada. No centro, Joca Ramiro, os chefes cabecilhas e o prisioneiro, todo mundo em pé menos Zé Bebelo, mui dignamente acomodado sobre um mocho com assento de couro que tinham posto não diante dele, mas de Joca Ramiro. A esse atrevimento, cruzando as pernas, Zé Bebelo acrescenta: – “*Se abanquem ... Se abanquem, senhores! Não se vexem...*”.

Riobaldo pensou que iam matá-lo: *não podiam ser assim desfeiteados*. Mas não foi. Fez-se um grande silêncio seguido da ordem de se ampliar o cenário: *Mandaram a gente abrir muito mais a roda, para o espaço ficar sendo todo maior*.

Joca Ramiro surpreende sentando-se no chão em frente a Zé Bebelo e este o imita, depois de chutar o banco. Os outros chefes não o fizeram, mas se agacharam para não diferir. O conjunto dos jagunços diverte-se, reagindo com falatórios alternados com o silêncio. Riobaldo, com a péssima impressão que sempre lhe causou o Hermógenes, vigiava-o enquanto esperava: *Joca Ramiro ia falar as palavras consagradas?* Falou:

- “O senhor pediu julgamento...” – ele perguntou, com voz cheia, em beleza e calma.
- “*Toda hora eu estou em julgamento.*” (GUIMARÃES ROSA, 1985, p. 242)

Joca Ramiro e Zé Bebelo protagonizam a cena inicial do julgamento, ninguém mais tem licença de falar:

- “O senhor veio querendo desnortear, desencaminhar os sertanejos de seu costume velho de lei...”
- “Velho é, o que já está de si desencaminhado. O velho valeu enquanto foi novo...”
- “*O senhor não é do sertão. Não é da terra...*”
- “*Sou do fogo? Sou do ar? Da terra é é a minhoca – que galinha come e cata: esgaravata!*” (GUIMARÃES ROSA, 1985, p. 243)

Zé Bebelo esticava a parolagem. Só mesmo Joca Ramiro para garantir o controle dos homens já inquietos diante de tanta insolência. Tratou de aquietar os cabras: – “*Meus meninos... Meus filhos...*”. Enquanto eles se entretinham com o espetáculo, os chefes mostravam nos movimentos do corpo, no olhar, ou num bocejo os sinais do enfado. A divisão se faz clara entre os cabecilhas. Riobaldo tudo observa: *Uns descombinavam dos outros, no sutil*. Alinhados da banda de Joca Ramiro estavam Sô Candelário, Titão Passos e João Goanhá. Do outro lado, o Hermógenes e o Ricardão. Percebendo o repiquete, Joca Ramiro pede opinião a Sô Candelário que responde laconicamente, afirmando contudo

sua lealdade: – “*Ao que a ver! Ao que estou, compadre chefe meu...*”. Isto posto, dá ordem de se principiar a acusação.

Ponteio

O ato de acusação é longo. Joca Ramiro quer uma performance à altura dos grandes estetas e forçará a participação do maior número de atores que puder abarcar. É pescador de pérolas que procura o solo no imenso coral de jagunços. Inda concederá a palavra a quem a quiser. A hierarquia, porém, é garantida: os chefes falam primeiro. O Hermógenes se adiantou. Fez pesada acusação e baixou sentença de execução com requintes de maldade que preferimos não reproduzir. Do que Riobaldo contou, eis uma pequena mostra:

– “*Cachorro que é, bom para a faca. O tanto que ninguém não provocou, não era inimigo nosso, não se buliu com ele. Assaz que veio, por se, para matar, para arrasar, com sobejidão de cacundeiros. Dele é este Norte? Veio a pago do Governo. Mais cachorro que os soldados mesmos ... Merece ter vida não. Acuso é isto, acusação de morte. O diacho, cão!*”

– “*Ih! Arre!*” – *foi o que Zé Bebelo ponteou. Assim contracenando, todo o tempo – medo do Hermógenes remedou, de feias caretas.* (GUIMARÃES ROSA, 1985, p. 246)

Zé Bebelo não se intimida e pede resposta e, ainda, que lhe desamarrem as mãos. Pedido aceito, ele reclama do tom do acusador dizendo que “*acusação tem de ser em sensatas palavras – não é com afrontas de ofensa de insulto ...*”. Sentindo-se agravado, o Hermógenes reivindica o direito de acabar com ele. A situação torna-se tensa entre os homens dispostos em dez ou vinte círculos, uns quinhentos, segundo o cálculo de Riobaldo. Mas, como ele diz: *Joca Ramiro sabia represar os excessos, Joca Ramiro era mesmo o tutumumbuca, grande maioral. Temperou somente:*

– “*Mas ele não falou o nome-da-mãe, amigo...*”

Todo mundo concordou porque isto sim, ou ser chamado de ladrão, é que é ofensa grave. Sô Candelário ainda propõe um duelo à faca entre ele próprio e Zé Bebelo, o que já era um salto de qualidade em relação ao depoente antecessor. Joca Ramiro, porém, retruca que é hora de acusação de culpas e crimes e não de sentença. Com esse grande lance de lorde, estende a cena. Sô Candelário reconhece que não houve crime, portanto não se precisava matar. O que devia ser feito era soltar o preso para que ele reunisse novamente seus homens e voltasse para o Norte “*para a guerra poder continuar mais, perfeita, diversificada...*”. Mas o Ricardão que falou em seguida, destoava, alinhava-se ao perverso

Hermógenes. Não por acaso, Riobaldo o compara ao Almirante Balão, sucedâneo do pagão Baligant da gesta de Carlos Magno, e Diadorim se refere a ele como *bruto comercial*, isto é, longe da fidalguia e dignidade condizentes com as altas chefias pares-de-França. O rico Ricardão depois de muito falar, propõe um tiro de arma.

Joca Ramiro dá a palavra a Titão Passos que agradece:

– “Ao que aprecio também, Chefe, a distinção minha desta ocasião, de dar meu voto. Não estou contra a razão de companheiro nenhum, nem por contestar. Mas eu cá sei de toda consciência que tenho, a responsabilidade. Sei que estou como debaixo de juramento: sei porque de jurado já servi, uma vez, no júri da Januária... Sem querer ofender ninguém – vou afirmando. O que eu acho é que é o seguinte: que este homem não tem crime constável. Pode ter crime para o Governo, para delegado e juiz-de-direito, para tenente de soldados. Mas a gente é sertanejos, ou não é sertanejos? Ele quis vir guerrear, veio – achou guerreiros! Nós não somos gente de guerra? Agora, ele escopou e perdeu, está aqui, debaixo de julgamento. A bem, se, na hora, a gente tivesse falado fogo nele, e matado, aí estava certo, estava feito. Mas o refrego de tudo já se passou. Então, isto aqui é matadouro ou talho?... Ah, eu, não. Matar, não. Suas licenças...” (GUIMARÃES ROSA, 1985, p. 251/3)

Dos cabecilhas só faltava João Goanhá que à insistência de Joca Ramiro, expediu, brevíssimo: – “Antão pois antão...” (...) *Meu voto é com o compadre Sô Candelário, e com meu amigo Titão Passos, cada com cada ... Tem crime não. Matar não. Eh, diá!...*”

A essa altura, Riobaldo pensa que o julgamento chegara a seu termo, ao mesmo tempo em que não cessa de observar as clivagens no meio da jagunçada, medindo a quantidade dos que eram de um ou de outro chefe. Mas Joca Ramiro não tem pressa da sentença e quer trazer novas personagens para o centro da cena. O torneio se estende, levando a controvérsia ao refinamento da retórica e aumento da tensão. Ao serem perguntados se queriam falar, qualquer um deles, em depoimento contra ou a favor de Zé Bebelo, os cabras, surpresos, se põem em pesado silêncio diante do extraordinário. Riobaldo, finalmente decide intervir, mas na demora é precedido por dois jagunços que defendem o direito à vida de Zé Bebelo. Enfim fala, aparteado por Titão Passos e Sô Candelário. Principia versando feito um repentista, e clama por fama de glória, merecedor do título conferido por Cavalcanti Proença: Dom Riobaldo do Urucuia, Cavaleiro dos Campos Gerais. O solo é dele:

– Dê licença, grande chefe nosso, Joca Ramiro, que licença eu peço! O que tenho é uma verdade forte para dizer, que calado não posso ficar...”

– “... Eu conheço este homem bem, Zé Bebelo. Estive do lado dele, nunca menti que não estivesse, todos aqui sabem. (...) Mas, agora, eu afirmo: Zé Bebelo é homem valente de bem, e inteiro, que honra o raio da palavra que

dá! E é chefe jagunço de primeira, sem ter ruindades em cabimento, nem matar os inimigos que prende, nem consentir de com eles judiar ... Isto afirmo! Vi. Testemunhei. Por tanto, que digo, ele merece um absolvido escorreito, mesmo não merecer de morrer matado à-toa ... E isto digo, porque de dizer eu tinha, como dever que sei, e cumprindo a licença dada por meu grande chefe nosso, Joca Ramiro, e por meu cabo-chefe Titão Passos!...”

– “... A guerra foi grande, durou tempo que durou, encheu este sertão. Nela todo o mundo vai falar, pelo Norte dos Nortes, em Minas e na Bahia toda, constantes anos, até em outras partes... Vão fazer cantigas, relatando as tantas façanhas ... Pois então, xente, hão de se dizer que aqui na Sempre-Verde vieram se reunir os chefes todos de bandos, com seus cabras valentes, montoeira completa, e com o sobregoverno de Joca Ramiro – só para, no fim, se acabar com um homenzinho sozinho – se condenar de matar Zé Bebelo, o quanto fosse um boi de corte? Um fato assim é honra? Ou é vergonha? ...”

– “Para mim, é vergonha ...” – o que em brilhos ouvi: e quem falou assim foi Titão Passos.

– “Vergonha! Raios diabos que vergonha é! Estrumes! A vergonha danada, raios danados que seja! ...” – assim; e quem gritou, isto a mais, foi Sô Candelário. (GUIMARÃES ROSA, 1985, p. 255/6)

Temendo por ser reprovado pela crítica implícita que fazias aos seus por matarem os presos, Riobaldo se apressa em completar:

– “... A ver. Mas, se a gente der condena de absolvido: soltar este homem Zé Bebelo, a mãvazias, punido só pela derrota que levou – então eu acho, é fama grande. Fama de glória: que primeiro vencemos, e depois soltamos...”

– “... Seja fama de glória! Só o que sei ... Chagas de Cristo! ...” – êta Sô Candelário tornou a atalhar. Desadorou-se! (...) Sô Candelário era de se temer inteiro. (...) ele Sô Candelário espiou para cima, às pasmas, consoante sossegado estúrdio recitou, assim em tom – a bonita, de espírito:

– “... Seja a fama de glória ... Todo mundo vai falar nisso, por muitos anos, louvando a honra da gente, por muitas partes e lugares. Hão de bota verso em feira, assunto de sair até divulgado em jornais da cidade ...” – Ele estava mandarino, mesmo. (GUIMARÃES ROSA, 1985, p. 257)

Esses aí tudo sabiam sobre mitos, lendas e a cultura popular. Sabiam de que lugar estavam falando e tinham direito ao seu cordel. E o gosto do relato é levado às últimas conseqüências – fazer para relatar.

O ritual caminha para o fim. Com a proposta de Riobaldo de se soltar o preso, este intervém dizendo: – “Tenho uns parentes meus em Goiás ...”. Zé Bebelo, porém, não abre mão de uma demorada parlenda. Afinado agora com o *ethos* que norteia o julgamento, muda de tom, deixando de lado a ironia e o deboche, e faz um discurso pontuado de ambigüidade, desnudando contradições inerentes à sua via de modernização: do processo civilizatório para o sertão, que pressupõe o fim dos bandos

de jagunços, acaba por reivindicar o braço armado da política ao dizer que, se candidato à deputado, sua intenção era pedir ajuda aos chefes locais, passando a tomá-los como referência e exemplo de probidade. Completamente diferente eram as palavras ouvidas por Riobaldo naquele organizadíssimo quartel, repleto de capangas que, já de então, contrariavam seu “caráter moderno”: – “*Sei seja de anuir sempre haja vergonha de jagunços, a sobre-corja?*”.

Zé Bebelo domina a cena. Diante da derrota, fala, ou “arenga” – à mistura do moderno e antigo nacionais juntam-se ressonâncias de tempos longínquos:

– “... Altas artes que agradeço, senhor chefe Joca Ramiro, este sincero julgamento, esta bizzaria ... Agradeço sem tremor de medo nenhum, nem agências de adulação! Eu, José, Zé Bebelo, é meu nome: José Rebelo adro Antunes! Tataravô meu Francisco Vizeu Antunes – foi capitão-de-cavalos ... Demarco idade de quarenta-e-um anos, sou filho legitimado de José Ribamar Pacheco Antunes e Maria Deolinda Rebelo, e nasci na bondosa vila mateira do Carmo da Confusão...”

- “...Agradeço os que por mim bem falaram e puniram ... Vou depor. Vim para o Norte, pois vim, com guerra e gastos, à frente de meus homens, minha guerra ... Sou crescido valente, contra homens valentes quis dar combate. Não está certo? Meu exemplo, em nomes, foram estes: Joca Ramiro, Joãozinho Bem-Bem, Sô Candelário! ... e tantos outros afamados chefes, uns aqui presentes, outros que não estão ... Briguei muito mediano, não obrei injustiça nem ruindades nenhuma; nunca disso me reprovam. Desfaço de covardes e biltragem! Tenho nada ou pouco com o Governo, não nasci gostando de soldados ... Coisa que eu queria era proclamar outro governo, mas com a ajuda, depois, de vós, também. Estou vendo que a gente só brigou por um mal-entendido, máxime. Não obedeço ordens de chefes políticos. Se eu alcançasse, entrava para a política, mas pedia ao grande Joca Ramiro que encaminhasse seus brabos cabras para votarem em mim, para deputado ... Ah, este Norte em remanência: progresso forte, fartura para todos, a alegria nacional! Mas, no em mesmo, o afã de política, eu tive e não tenho mais ... A gente tem de sair do sertão! Mas só se sai do sertão é tomando conta dele a dentro ... (..) Dou viva a Joca Ramiro, seus outros chefes, comandantes de seus terços. E viva sua valente jagunçada! Mas, homem sou. Sou de altas cortesias.” (GUIMARÃES ROSA, 1985, p. 259/60)

O solista fez gesto bonito e, abusando da retórica, continuou o discurso até dizer que aguardava a sentença. Calou e encolheu-se: *uma bolinha de gente*, comparou Riobaldo. A massa humana movimentou-se, os cabras e os chefes, uns aprovando, outros não. Riobaldo via Titão Passos que *espiava desolhadamente (...)* só esperava o nada virar coisa”. Mas Joca Ramiro, apressando-se, interveio: – “O julgamento é meu, sentença que dou vale em todo este norte. Meu povo me honra”. Encetando com o réu um curto diálogo, pergunta-lhe se ele reconhece sua sentença. À resposta afirmativa, Joca Ramiro determina o que fora sugerido ao final do discurso de Riobaldo: a retirada de Z|é Bebelo para Goiás.

Feito isso, levantou-se *num de repente*, daquele jeito que já reproduzimos, puxando tudo consigo, coisas e gentes, conforme Riobaldo conta: *E todos também, ao em um tempo – feito um boi só, ou um gado em círculos, ou um relincho de cavalo. Levantaram campo. Reinou zoeira de alegria: todo o mundo já estava com cansaço de dar julgamento, e se tinha alguma certa fome.*

O solene desfecho, para o qual o réu muito contribuiu, garante à personagem de Zé Bebelo destacado lugar na continuidade da trama, na qual esse episódio teve forte peso. Ademais, para Riobaldo, foi uma experiência condizente com a representação que ele fazia dos cavaleiros de elevados propósitos, sem a qual a vida de jagunço não valia a pena. Adentrando o território da lenda no território sertão, ele admite: *aquilo pra mim foi coisa séria de importante*, justificando para o doutor o largo espaço e as minúcias do relato, enquanto lhe adivinha o pensamento:

– “O que nem foi julgamento legítimo nenhum: só uma extração estúrdia e destrambelhada, doideira acontecida sem senso, neste meio do sertão ...” – o senhor dirá. (GUIMARÃES ROSA, 1985, p. 266)

Dada a sentença de Joca Ramiro, que *vale em todo este norte*, Zé Bebelo vai para Goiás prometendo não voltar enquanto aquele for vivo ou não der contra ordem. Recebe suas próprias armas, munição e embornal. Vai-se montado em *sela boa de Minas-Velhas*. O cavalo agora tinha duas cores...

Referências Bibliográficas

CANDIDO, Antonio. O Homem dos Aessos. In: *João Guimarães Rosa, Ficção Completa, em dois volumes*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, v. 1, 1995.

CAVALCANTI PROENÇA, Manuel. Trilhas do Grande Sertão. In: Cavalcanti Proença, Manuel. *Augusto dos Anjos e outros ensaios*. Rio de Janeiro, Brasília: Grifo, INL, 1973.

GUIMARÃES ROSA, João. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 18ª. ed., 1985.

HANSEN, Adolfo. *O o: a ficção da literatura em Grande Sertão: Veredas*. São Paulo: Hedra, 2000.

ONG, Walter. *Oralidade e cultura escrita: A tecnologização da palavra*. Campinas: Papyrus, 1998.

SCHIAVO, Sylvia França. *Do território da lenda à lenda do território na travessia do Grande Sertão*. Rio de Janeiro, Seropédica: CPDA-UFRRJ, 2002.

STEINER, George. *Linguagem e Silêncio*. São Paulo: Cia. das Letras, 1991.

Recebido em 30 de novembro de 2007

Aceito em 10 de abril de 2008